



UMAS HISTÓRIAS DE CIRCO: Hudi Rocha e as memórias do Circo-Teatro Guaraciaba

MARIA DE MARIA A. QUIALHEIRO

Atriz, professora diretora teatral, doutoranda em Artes pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/SP, pesquisa os aspectos pedagógicos sobre o modo de atuação melodramático para a formação da atriz e do ator na atualidade. Está como professora contratada do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

RESUMO

Este artigo / entrevista traz um pouco da história do Circo-Teatro Guaraciaba, uma das mais importantes companhias circenses ainda atuantes no Brasil, com 74 anos de trajetória. Por meio de um bate-papo registrado com o ator, cantor e palhaço Hudi Rocha, após a estreia do último trabalho da companhia *A Paixão no Circo*, inspirado no texto original *O Mártir do Calvário* – de Eduardo Garrido –, na cidade de Sorocaba, São Paulo (2018), podemos nos aproximar um pouco mais das memórias e dos modos de produção em que viveram e vivem os artistas de circo-teatro no interior do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

Circo.

Circo-teatro.

Memórias.

Encontro de gerações.

ABSTRACT

This article / interview brings a little bit of the history of Circus-Theater Guaraciaba, one of the most important circus companies still operating in Brazil with 74 years of experience. Through a chat registered with the actor, singer and clown Hudi Rocha, after the last play of the company A Paixão no Circo, inspired by the original text O Mártir do Calvário – by Eduardo Garrido –, in the Sorocaba city, São Paulo (2018), we can get a little closer to the memories and modes of production in which these circus-theater artists lived in the interior of Brazil.

KEYWORDS:

Circus.

Circus-theater.

Memories.

Meeting of generations.



INTRODUÇÃO

Este artigo / entrevista dialoga com minha pesquisa de doutorado acerca do modo de atuação em melodrama e do meu encontro com o circo-teatro. Em uma breve contextualização a respeito do surgimento do Circo-Teatro Guaraciaba, abordo a construção de seus saberes, edificada por meio do repasse e do compartilhamento de suas experiências.

Meu acesso às suas histórias teve início em 2017, quando a professora e pesquisadora Daniele Pimenta se dispôs, generosamente, a ser o elo entre mim e o Guaraciaba. Desde que o assisti pela primeira vez, encantei-me, de modo que sigo acompanhando suas apresentações e aproximando-me dessa companhia, *é como se seguisse o circo por aí afora*. Como espectadora, tornei-me fã imediata, incondicional e atenta observadora de sua história¹.

Essa contextualização teve como fonte principal os relatos e as histórias de Guaraciaba Malhone, Edimea Rocha, Hudi Rocha, Alexandre Malhone e outras/os artistas – registrados em entrevistas, vídeos e conversas gravadas –, bem como algumas publicações no que se refere à aproximação do circo com o teatro, em especial do Circo-Teatro Guaraciaba. Aqui opto pelo recorte de uma das entrevistas de Hudi Rocha, em que é possível perceber por meio de alguns *causos* como era a vida nos circos ontem e como ainda é hoje.

Descrevo, ainda, algumas impressões do trabalho de Hudi Rocha em cena, na estreia de *A Paixão no Circo*², o mais recente trabalho do Circo-Teatro Guaraciaba com o Coletivo Cê e direção de Fernando Neves, que estreou e fez temporada no ano de 2018.

Foi a partir desse encontro com os circenses da velha-guarda, protagonistas desta pesquisa, que pude mais de perto entender como aconteciam os processos de aprendizado sobre o teatro no ambiente do circo por meio do compartilhamento de experiências pelo viés empírico. É interessante ver como essa aproximação lançou luzes à compreensão do modo de atuação nos circos-teatros brasileiros.

¹ No documentário *Circo-Teatro, Alegria Do Povo* estão registrados alguns trechos da história e da retomada do Circo-Teatro Guaraciaba aos palcos. Lançado em 2008, com a duração de 59 minutos, o filme mostra o ressurgimento do circo-teatro e também resgata aspectos da história do circo-teatro do século XX, com depoimentos de historiadores, ativistas culturais e pesquisadores. A história se passa entre 2005 e 2007. Direção e Roteiro: Sandra Nascimento. Pesquisa: Sandra Nascimento e José Carlos Fineis. Realização: Loja de Ideias Produção Audiovisual, Jornalismo e Edição Ltda. Disponível em: <<https://youtu.be/nDMr-LwmYosw>>. Acesso em: 21 out. 2020.

² Link da peça *A Paixão No Circo* na íntegra: <<https://youtu.be/eZlf-uLYcC0>>.



O CIRCO GUARACIABA

Em cartaz no cenário atual³, o Circo-Teatro Guaraciaba pode ser considerado uma das mais importantes companhias circenses atuantes no Brasil, se tomarmos como referência a sua trajetória e a sua retomada no século XXI.

Com 74 anos de história, o Circo Guaraciaba surgiu em julho de 1946, em virtude da união de duas famílias circenses, os Fernandez e os Malhone. Do casamento de Dalva Fernandez (1921-1981) com Antônio Malhone (1922-1999), nasceu Guaraciaba⁴, a quem seu pai, também conhecido como palhaço Pírolito, homenageou, dando seu nome ao Circo. A família de ambos trabalhava no Circo-Teatro Modelo há alguns anos, quando, na ocasião da união, o pai de Dalva doou uma quantia em dinheiro para que a nova família seguisse a tradição e tivesse sua independência por meio da gestão de seu próprio circo.

Assim, o Circo-Teatro Guaraciaba estreou na região de Jaçanã, em São Paulo. Depois seguiu para a Baixada Santista e pelo interior paulista e, segundo relatos, fez sucesso por onde passou, chegando a ficar até seis meses numa mesma praça. De acordo com as/os circenses, isso era raro, pois a média de permanência das outras companhias girava em torno de dois a três meses.

A história do Circo Guaraciaba foi um pouco diferente da de outros circos que tiveram que se adaptar às apresentações dramáticas. Fruto de um desejo de Antônio Malhone, nasce como uma companhia que opta preferencialmente por apresentações de teatro. Mesmo tendo se iniciado ao final da época de ouro do circo-teatro (PIMENTA, 2010), surge com foco nas atividades teatralizadas, conseguindo ainda por algum tempo viver sob essa forma de organização e gozar de muito sucesso até meados dos anos 1970.

A geração de artistas que compunha o Circo Guaraciaba é uma geração que já cresceu assistindo aos pais e aos avós em cena. A forma como aprendiam as técnicas e as variantes da atuação está diretamente ligada aos afetos e à memória, a partir da observação atenta e cotidiana das crianças assistindo aos mais velhos, dentro e fora das coxias; em outros termos, consiste em um saber por meio da experiência sensível.

3 O Circo-Teatro Guaraciaba está em constante atuação no cenário atual por meio de editais de fomento à arte.

4 Guaraciaba Malhone nasceu no ano de 1944.



Além das entrevistas, parte importante das fontes e das memórias do Guaraciaba está registrada por Iracema Cavalcante⁵ no livro *A Vida Maravilhosa Nos Circos-Teatros*, publicado em 2011. Nessa obra, Iracema rememora momentos marcantes da trajetória do Circo-Teatro Guaraciaba. Conta que o funcionamento do Guaraciaba se dava de modo diferente do habitual em relação à ordem das apresentações. Mais de uma vez, há referências quanto aos espetáculos de teatro ocorrendo na primeira parte, com a apresentação de um drama ou de uma comédia por até duas horas. Em seguida, os intervalos eram realizados para a venda de comes e bebes, de lembranças dos espetáculos e de outras atividades para auxiliar na subsistência das/os artistas. Enquanto isso, no picadeiro, retiravam-se os cenários para dar início à segunda parte, reservada à apresentação de variedades: shows musicais, números de palhaços, cachorrinhos adestrados, desfiles de jovens de maiôs ou de grupos familiares em percursos coreografados, entre outras. No trecho a seguir, Iracema cita algumas das apresentações realizadas na segunda parte.

[...] a citar: as apresentações do cancionero popular antigo, interpretadas por ela e Hudi Rocha; os tangos interpretados por Marcius Newton; as apresentações de Bossa Nova e da Jovem Guarda, interpretadas por Arnaldo Fernandez; os números cômicos que incluíam a dupla Pirolito e Pirolé; o palhaço Fedegoso com Hudi Rocha e os esquetes de humor por Nhô Moraes; os cachorrinhos adestrados por Dona Maria; os truques de mágicas com Chelles; os desfiles e sambas cantados por Terezinha Marisa; e demais números de comparsaria e pantominas (CAVALCANTE, 2011, p. 96).

Citado no trecho acima, um dos artistas a quem aqui cabe destaque é o ator, cantor e palhaço Hudi Rocha. Hudi nasceu sob a lona de um circo em 1939. Filho de circenses, começou a atuar no picadeiro aos três anos de idade. Em sua trajetória, criou o caipira Fedegoso, personagem pelo qual é reconhecido ainda hoje no meio artístico, com apresentações cômicas e musicais regionais. Passou por muitos circos com formatos de espetáculos variados, até ser convidado a trabalhar no Circo-Teatro Guaraciaba em 1963, onde está até hoje. Foi nele que mais tarde conheceu a também atriz Edimea Rocha⁶, com quem teve seu segundo casamento e o filho Hudson Rocha⁷, hoje conhecido como palhaço Kuxixo.

5 Iracema Cavalcanti (1944) Iracema Cavalcante não nasceu no circo, entrou para esse universo aos vinte anos, tendo se casado com o cunhado de Guaraciaba, Vioblaque Cavalcante (1923-2007). Também compôs a velha guarda do Circo-Teatro Guaraciaba se apresentando em alguns espetáculos após a sua retomada.

6 Edimea Rocha, nascida em 1948.

7 Hudson Rocha, nascido em 1972.



Em 1988, o Circo-Teatro Guaraciaba, em razão das dificuldades econômicas de se manter em pleno funcionamento, encerrou suas atividades, e por isso muitos artistas estabeleceram residência na cidade de Votorantim.

A RETOMADA

A transmissão oral do saber era uma prática passada de geração para geração no seio familiar circense, o que engloba também os comportamentos e as culturas do dia a dia que envolvem esse coletivo. Essa prática, de algum modo, perdura até os dias de hoje, de modo que, se quiser verdadeiramente entender e aprender sobre o circo-teatro, a melhor maneira ainda é se juntar a ele, visto que a leitura e os estudos disponíveis não dão conta do que se é estar na presença viva de quem fez e ainda faz parte dessa história. Esse talvez seja um dos métodos mais antigos e eficientes de se aproximar do que foi o circo-teatro no Brasil e, de posse de tal conhecimento, foi o que o Grupo Manto⁸ e, mais tarde, o Coletivo Cê⁹ fizeram.

Entre os anos de 1995 e 2000, as atrizes e os atores do Circo-Teatro Guaraciaba, já estabelecidas/os entre as cidades paulistas de Sorocaba e Votorantim, começaram a retornar aos palcos como artistas convidadas/os, em projetos como *Revivendo o Circo*¹⁰ e a *Semana Do Circo*¹¹. Seu retorno teve início com a apresentação de pequenas comédias, com poucos atores nas matins, promovida pela Biblioteca Infantil de Sorocaba. José Rubens Incao, desde essa época, é o responsável pela coordenação e pela administração do espaço, bem como pela programação de suas atividades culturais. Os projetos promovidos pela Biblioteca Infantil de Sorocaba foram a chama que reacendeu a companhia e a ponte para que outros projetos comesçassem a aparecer. Desde então, o coletivo não parou mais e o convívio com atrizes/atores de uma nova geração se tornou constante.

Em razão da comemoração de seus 70 anos, o Circo-Teatro Guaraciaba foi aprovado pelo Prêmio Funarte Carequinha de Estímulo ao Circo para uma turnê com as três montagens de seu repertório: ... *E o Céu Uniu Dois Corações*, *A Escrava Isaura* e *O Avental Todo Sujo de Ovo*. Essa circulação teve como objetivo contemplar três estados brasileiros (São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais),

8 A formação que deu origem ao grupo Manto surgiu em 1996, no Espaço Cultural dos Metalúrgicos, em Sorocaba (SP), sob a direção de Carlos Roberto Mantovani. Após sua morte, com outra configuração, uma nova companhia se forma em 2003 e, em homenagem ao diretor, automeia-se *Grupo Manto*.

9 O *Coletivo Cê* é um agrupamento de artistas que pesquisam a linguagem do teatro, na cidade de Votorantim (SP), desde 2009. É composto por Andressa Moreira, Bruna Moscatelli, Eliane Ribeiro, Hércules Soares e Júlio Mello.

10 O projeto *Revivendo o Circo*, promovido pela Prefeitura de Sorocaba na Biblioteca Infantil, surgiu em março de 1995 e teve como intuito preservar a memória do circo e resgatar o repertório do circo-teatro, promovendo a volta de artistas da velha guarda aos palcos.

11 A *Semana Do Circo*, promovida pela Biblioteca Infantil de Sorocaba, acontece todo ano, desde 2002, na última semana do mês de março, em substituição ao projeto *Revivendo o Circo*.



o que, segundo Alexandre Malhone, foi motivado pela vontade de se reviver as experiências do passado circense, apresentando um espetáculo por noite em cada cidade.

A PAIXÃO NO CIRCO

Em 2017, aprovaram um projeto para montar *A Paixão no Circo*, a partir do texto original de circo-teatro *O Mártir do Calvário*, de Eduardo Garrido, sob a direção de Fernando Neves.

A Paixão no Circo tem como discussão central o conflito de gerações. Este se instaura quando uma família circense, já fora do circuito (em fase de enfraquecimento), está ensaiando o texto *O Mártir Do Calvário*, de Eduardo Garrido, para apresentar na ocasião da Páscoa, como faz há 70 anos. Nesse contexto, as/os filhas/os representam uma geração que concluiu seus estudos na escola formal, que trabalham em outras áreas que não a do circo, e não se organizam na estrutura de circo-família. Apesar disso, têm origem circense e, por tal razão, reúnem-se para essa montagem em respeito e reconhecimento aos seus pais. Na nova versão, as histórias de vida das/os artistas se misturaram às histórias das personagens, compondo um meta-teatro.

O eixo da peça *A Paixão no Circo* incide no eterno debate entre o novo e o velho, entre a modernidade e a tradição, entre o apagamento e o enaltecimento das memórias, assunto tão caro quando se trata da história do nosso circo-teatro brasileiro. Talvez essa montagem seja peça fundamental para se entender os processos de formação de atriz/ator em nosso país e que não estão contados nos livros de teatro brasileiro. De um lado, artistas que se formaram no dia a dia, em um processo inseparável entre vida e profissão; de outro, artistas que escolheram esse caminho e que, pensando e refletindo sobre ele constantemente, trabalham em outras áreas para que possam fazê-lo. São essas formações distintas que coexistem em cena, trazendo preciosidades e estranhamentos.

Cabe aqui relatar a ocasião em que, a fim de se resolver uma mudança de cenários, inseriu-se na montagem o que julgo uma homenagem ao circo-teatro: uma cena épica e belíssima do ator



Hudi Rocha, aos 79 anos, cantando a música *Ébrio*, de Vicente Celestino, após a cena da crucificação de Cristo. No centro da lona, uma luz delicada e sua voz à capela. O modo de pronunciar as consoantes R e L, as pausas e as respirações no tempo preciso, a emoção e a inteireza com as quais fazia a cena transportaram-me para outra dimensão: lá pelos meados de 1950, imagino eu, sentada na arquibancada lotada do circo armado, inebriada com o cheiro de serragem colocada mais cedo, sendo testemunha daquele momento histórico.

Faltam-me palavras para descrever essa cena à altura do que realmente foi, assim como uma biografia ou um relato pessoal não dão conta da experiência vivida. Havia muitas crianças nesse dia; elas riam da imagem meio cambaleante de Hudi, tão cômico em outras entradas. Elas não tinham as ferramentas necessárias para decodificar a magnitude daquele momento. Aos poucos, os risos e os burburinhos foram ficando cada vez mais distantes e submersos pela beleza da cena e por tudo o que ela simbolizava. Para as suas companheiras de tantos anos de jornada – Edimea e Guaraciaba –, talvez fosse mais uma cena com a qual já estavam acostumadas, afinal, era apenas mais um ato de seus ofícios. Mas para as/os jovens atrizes/atores do *Coletivo Cê*, para as/os colegas presentes e para uma geração que as/os acompanha desde muito tempo, foi diferente. Era possível ver e ouvir das pessoas que se emocionaram. Para mim, fez com que todo meu caminho percorrido até ali fizesse sentido.

A ENTREVISTA

Abaixo segue um bate-papo, como prefiro chamar, que fiz com o ator Hudi Rocha após a noite de estreia de *A Paixão no Circo*.

Sorocaba, 22 de julho de 2018.

Lona da Biblioteca Infantil Municipal de Sorocaba.

Maria: Primeiro, eu queria que você falasse só o seu nome e sua data de nascimento para registrar aqui.



Maria: É chã, né? [risos]

HUDI: Hudi da Rocha Camargo, nascimento 22 de setembro de 1939.

HUDI: Tô “véinho” já, né? [risos]

Maria: E nesse tempo, Hudi, como que foi retomar... por que ficaram um tempo parado com o circo-teatro?

HUDI: Ficamos... ficamos.

Maria: Teve um hiato aí né... que vocês ficaram parados... E como que foi retomar?

HUDI: Foi é... tinha um moço aqui, esqueci o nome dele agora. Mas mexia com essas coisas de teatro também. E ele queria fazer o drama *O Céu Uniu Dois Corações*. Que era *Romeu e Julieta* do circo, coqueluche do circo. Era [inaudível] anunciava a peça, não tinha negócio, arrebentava. Às vezes levava sexta, sábado e domingo. Mas uma peça bonita que... é uma água com açúcar, mas muito bonitinha, sabe, muito bem escrita por um... Um amigo nosso de circo, Antenor Pimenta, ele que fez a peça. E ele foi feliz, feliz mesmo na peça. A peça arrebentava quando levava, arrebentava. E aí era o *Grupo Manto*, era o nome do grupo. E aí ele pegou um outro amigo nosso, aqui de Sorocaba. Era o Braque, o marido da Iracema. Braque também era, nossa, sabia tudo de circo... E os dois conversaram, conversaram. Ah, então vamos fazer uma grande produção e nós fazemos *O Céu Uniu Dois Corações*. Mas esse moço faleceu. Mas aí alguém do *Grupo Manto* sabia do negócio, procurou o Braque novamente. “Braque, vamos?”, “Vamos!”. E aí nós iniciamos, aí com *O Céu Uniu Dois Corações*. O José Rubens, aqui da biblioteca, nossa,



mas deu uma força danada. Arrumou o circo, botou aí. Nós fizemo palco, fizemo tudo. José Rubens... Quando eu dei por mim, eles já estavam levando a peça *O Céu Uniu Dois Corações*. E lotando, e lotando, e lotando. Nós fizemos acho que uns seis meses aqui essa peça. E lotando, porque o público aqui de Sorocaba, Votorantim, conhece essa peça. Então foi aquela barbaridade, lotando e lotando e foi vindo. Acabou, e aí nós fizemo... E daí nós fizemo outras peças.

Maria: E aí retomaram com força total?

HUDI: Com força total. Aí passamos o nosso grupo. “Não, mas peraí. Vamos montar um grupo nós então aqui, poxa vida, do Circo Guaraciaba”. Teve tanto nome aqui em Sorocaba. “Vamos?” “Vamos!”. Aí formamo o grupo da “veiarada”, misturado com os moço agora, com as menina, e fizemos *Escrava Isaura*, fizemos a *Canção de Bernadete*, e *Madame X*, que é uma peça muito bonita. E aí fomo indo, fomo indo. Depois veio outras pessoas interessadas no grupo, escreveram o roteiro *O Avental Todo Sujo de Ovo*. Essa peça agora que nós tamo fazendo, que é *A Paixão no Circo*. E assim nós fomo indo. Lavou a nossa alma. [risos] Tava tudo paradinho, aborrecido, aí começou as peças, aí deslanchou e foi embora.

Maria: E como que é, por exemplo, fazer hoje com esse pessoal mais novo? Como que é pra você o trabalho com eles?

HUDI: Olha, eu vou dizer assim. Pra nós, não há problema nenhum, né. É tudo automaticamente, não tem problema. Pra eles que é difícil, porque nós trabalhamos de uma maneira. Eles, iniciando e aprendendo, é outra maneira. Então, eles sim, eles se perturbam um pouco com a gente. E é um tal de chamar gente de grande artista, de mestre, é bão. [risos] Mas eles gostam e



gostam de trabalhar com a gente. “Vocês não têm técnica...?” Nós de circo nunca entramos numa escola de teatro, ou fazer um curso, não. A gente vinha de ver, era experiência, com nossos pais, irmãos e tios que tinha aquele circo, levava a peça. A gente ia vendo, ia vendo e ia aprendendo. Quando precisava de um pra entrar no elenco, tava pronto... de tanto ver... experiência. Então, era muito bom. E eles ficam abismados... “Vocês ensaiam assim... meio...?” E eu sempre falo... porque a gente, quando tá ensaiando... “Vamos lá ensaiar, então, vamos, vamos?” [risos] Aí o diretor vem: “Vamos lá, vamos lá”. Aí começa a ler a peça, a gente vê, junto com eles, né. “Não... assim, assim, assado... não, porque a mãe fez isso... pêpêpê”. Tudo baixinho. Eles ficam assim: “Mas será possível... será que... que eles vão fazer?”. Teve um diretor aqui que pegou eu e Guaraciaba no *Céu Uniu Dois Corações* e aí eu levei os dois: “Vamos ensaiar?” Aí Guaraciaba: “a minha filha, meu Deus, morreu... minha neta... não sei o quê...”. Mas assim! Peguei o Hudí, a mesma coisa. Vamos fazer desse jeito?! Tudo baixinho?! Eu fiquei com medo, falei: “Mas é assim? Será que sai?” [risos] Aí no dia que estreou, aí a plateia parou e chorou e aplaudiu e falou: “Barbaridade, nunca pude imaginar que fosse isso”. E assim nós fomos indo e fomos aí, fazendo força. Gostamos de fazer, né. Claro que tem que gostar. Quando a gente se apresenta em um espetáculo, nossa, é... lava a alma da gente. Que a gente lembra daqueles tempos que a gente era moço, que fazia isso, fazia aquilo. Hoje tem que fazer os papéis mais velhos [risos], mas fazemos. Mesmo que não gostemos daquilo que tá apresentando. Porque às vezes tem peça que você não gosta. Eu tenho um punhado que eu não gosto. Mas eu faço. “Olha, tem que ser assim, fazer assim”. Então, vamos embora. Olha, tem muitas peças que eu improviso, tem gente que tem medo de trabalhar comigo. Eu não tenho cabeça mais pra tá decorando, mas eu improviso em cima do assunto, em cima daquele assunto. Improviso, coloco o que tem que colocar, as



Maria: Era muito texto?

frases, e vamos embora. No caso d'*O Avental Todo Sujo de Ovo*, eu só aprendi a peça quando faltava três/quatro espetáculos pra terminar a temporada.

HUDI: Muito texto. A cabeça não ajuda mais. Só que eu improvisava em cima daquele assunto, da história, sem dar problema com ninguém. Sem dar problema pra ninguém. As deixa, tudo direitinho, quando era deixa, eu dava as deixa. Precisa dar a deixa, né, pro outro saber o que que vai fazer, né, o que que vai falar. Mas eu improviso, improviso mesmo. Quando não entra, eu improviso.

Maria: Mas é próprio do circo o improviso, né?

HUDI: É próprio. Antigamente se improvisava muito, porque o circo é aquele negócio, sempre foi ao vivo, né. Ensaiou, ensaiou. Terminou, foi, tem que fazer.

Maria: Tinha o ponto...

HUDI: Tinha o ponto. Naquela época tinha o ponto. Porque nós não tínhamos tempo de decorar. Fazia uma temporada de quatro/cinco meses, numa praça, era uma peça por noite. Então não tinha como decorar. Então se improvisava muito. O ponto dava a primeira palavra, a gente já saía quando um... falava dentro do assunto e tinha que seguir a peça. Era uma coisa. Não sei se você conhece, tá sempre meio no mundo dos artista. Tinha uma peça que chamava *O Segredo do Mordomo*. E o mordomo era o que dava as coordenada toda dentro da casa. E era um puxa saco do dono da casa. E o dono da casa matou um camarada. E ele sabia. E tinha um detetive que estava sempre



na casa fuçando, perguntando. O mordomo achou uma carta que complicava o dono da casa. Aí, o que ele fez, pegou a carta e foi lá: “Você tá salvo. Aqui achei a carta que, que condena você, que tá assinada, que você assinou. Tá aqui”. O cara pegava a carta. E o mordomo saía mal visto, porque tava fuçando. Aí precisava queimar a carta pra arquivar, né. E na hora: “Cadê o fósforo?”. Ele não achou nem o fósforo, nem o isqueiro. “O que eu faço?” E o detetive atrás, já estava sabendo mais ou menos da carta. “Ah, eu rasgo tudo isso aqui”. Aí rasgava a carta, rasgava, jogava num baldinho, num cestinho. Pronto, acabou. Aí o detetive entrava. Que se queimasse a carta, é claro, cheirava, né, à carta queimada. Ele entrou e não tava queimada. [risos] “Mas que cheiro de papel rasgado!” [risos]. Isso é verdade mesmo. Não tinha outra saída, ele achou uma saída. “Que cheiro de papel rasgado!” [risos]. Era fora de sério. Essa peça mesmo que nós tamo apresentando agora, que é *A Paixão de Cristo*. Quando eu levava, era mesmo *A Paixão de Cristo*. Agora fez uma mistura aí, né, da família. Mas a gente fazia *A Paixão de Cristo* inteira, né? Era *A Paixão de Cristo* mesmo. Essa peça dava tanta confusão, menina, dava tanta...Os diretores ficavam louco. Porque aconteciam umas coisa na hora da representação, que era um negócio. E tinha ainda no meio uns sacana, uns gozador. Teve um que pegou uma linguiça desse tamanho e botou dentro do pão que o Cristo repartia [risos]. Não, era fora de sério. Tinha uns gozador. E as coisas que acontecia. Quando Cristo falava: “Mãe, tenho sede!”. Então, “Meu filho tem sede!” E o moleque passava nas cadeira: “Olha o kisuquinho gelado”. [risos]

Maria: E como que foi pra você a estreia ontem?

HUDI: Foi muito boa. Pra mim, eu estava até preocupado. Lembra que eu falei pra você?



Maria: Aham.

HUDI: Mas não por mim, porque o meu é curto. A minha negociação é curta, é engraçada. Então, estava preocupado com eles, porque os texto é muito grande, muito grande os texto. E eu estava preocupado, mas saiu maravilhosamente bem. Me surpreendeu. Foi todo mundo bem. Umas pequenas falhinhas de o menino não entrar na hora...

Maria: Antes de... antes, ontem, o senhor comentou que não gostava muito.

HUDI: É, eu não, eu não tava interessado mesmo na peça. Eu achei que ela não ia dar certo. Mas vendo a família... daqui a pouco, muda tudo, já vestido de rei, o outro de... Falei, o povo não vai entender essa porcaria aí [risos]. Mas não foi, o povo entendeu. E foi muito bem, muito bem a peça, bem mesmo.

Maria: Ah, então agora mudou de opinião um pouco?

HUDI: Ah, não, agora já mudei de opinião. Ontem mesmo já falei pra eles. Vocês foram muito bem. Espetacular. E os textos são muito compridos, gente, eles falaram o texto direitinho mesmo. O moço que fez o Judas. Um texto daquele sozinho... fazendo aquilo.

Maria: E se hoje, por exemplo, com toda sua experiência de circo-teatro... se o senhor fosse mudar alguma coisa nessa peça, o que o senhor mudaria?

HUDI: Ah, não, nessa peça eu não mudaria nada. Eu mudava o seguinte: Vamo levar *A Paixão de Cristo*, não essa mistura aí. [risos]



Maria: Você voltaria para o original?

HUDI: Voltaria pro original. Aquilo. Vamos fazer *A Paixão de Cristo!*

Maria: E deixa eu te perguntar. Você ainda tem um sonho que quer ver realizado? Alguma coisa que ainda queira fazer?

HUDI: Ah, não. Acho que eu não tenho mais sonho. Meu sonho agora é fazer isso aqui mesmo. Tem o grupo, então a gente sempre tá dentro, sempre tá trabalhando. Eu não tenho que... não sei mais nada, filha. [risos]. Eu já tô com 80, já. Não dá mais. Eu pensava, há alguns anos atrás ainda, de pôr um circo meu novamente. Eu pensava até aqui mesmo nesse circo. Reunir esses grupo que tem, amadores, daqui de Sorocaba, Votorantim, que não são amadores, eles são profissionais. Falta um pouquinho mais de experiência, mas eles são bons. Essa menina aqui de Sorocaba, de Votorantim, é muito boa essa menina. Então eu pensava sim. Mas que eu ganhasse um dinheiro bom, uma loteria, e aí fazia aquele circo-teatro que nós não pudemos ter naquelas épocas. Que era difícil... dificuldade... não tinha tecnologia. Hoje, com essa tecnologia que tem, meu Deus do céu. Meter uns farol de cor aí, uns canhão puxando o artista. Ah, era uma coisa... Mas o dinheiro não veio. [risos]. Perdi a vontade também. [risos]

Maria: Mas, então, hoje quer seguir trabalhando?

HUDI: Ah, sim. Enquanto eu puder trabalhar, enquanto me puderem numa peça, aí eu tô aí.

Maria: E a peça conta uma história que é muito parecida com a sua, né, me conta um pouco a sua história...



HUDI: É, conta, conta a história. Até inventaram um negócio da bebida lá, que tá no “wiskritório”, que aquilo é o bar, né? Que eu ainda frequento o bar. Eu sempre frequentei. Sempre tomei minha cachaça, sempre. Quando moço, eu tomava, barbaridade! Hoje não, uma cachacinha lá, uma cervejinha, tá bom! Mas antigamente, menina, nossa senhora! [...] Mas nunca ninguém perdeu um espetáculo por causa de bebedeira, por causa de beber demais, de não comer. Não. Não acontecia. A gente sabia beber e bebia bem. [...] Aí vinha. Se concentrava, entrava, fazia o espetáculo.

Maria: Mas aí, por exemplo, na peça tem uma fala, do seu personagem que quer morrer no circo, morrer atuando... E como que é pra você falar esse texto?

HUDI: Isso aí tiraram de mim mesmo. Que eu falo pra todo mundo. Eu quero morrer no circo. Eu quero. Não quero ir num guardamento não, levarem meu caix..., não, eu quero ficar no circo. Se tiver um circo na hora que eu morrer, eu quero ficar aqui, embaixo da lona. Igual um amigo que eu tinha de circo também, o Artiste [?]. “Hudi, eu quando morrer, cê me guarda aqui. Não quero ir pra outro lugar não!” Eu disse: “Tá falado, meu filho. Seu pedido vai ser atendido”. E ele foi guardado no circo até o outro dia, bonitinho, até a hora de ir pro cemitério. E eu também imagino que eu quero também isso. Mas capaz de eu morrer lá e vim aqui, pra mim ficar aqui [risos], me guardarem aqui. Ah, não tenho... eu não tenho o que queixar da vida. Eu não... eu me diverti a vida inteira, embora, com todos os tropeços, com as coisas má que acontecia, mas eu não ligava. Eu achava que aquilo fazia parte dessa vida. Então eu nunca me queixei. “Ah, tô mal lá, minha praça tá assim”. Nunca! Não tem negócio. Eu não, eu não queria saber. Porque passava, vamos



dizer, uma semana / quinze dias, e já trabalhava, já entrava dinheiro pra todo mundo. Pronto, já era festa!

Maria: Hudi, então brigada pela conversa, viu!

HUDI: Muito obrigado, você!

Maria: Pra mim é uma honra tá aqui, tá? Conhecer sua trajetória. E obrigada mesmo.

HUDI: Ah, mas é muito bom demais. Foi muito bom!

CONSIDERAÇÕES

O ator Hudi Rocha, ao contar suas inúmeras histórias, recolhidas na vida itinerante de circense pelo país afora, torna possível a aproximação do processo de construção de saberes e fazeres que acontecia nesse universo. Sua narrativa talvez seja um tanto quanto romantizada ou fantasiada, característica comum entre os artistas mais antigos. Pode ser porque percebam que agradam e deslumbram a plateia de ouvintes e por isso o fazem com tanto requinte de detalhes e floreios. Independentemente dos limites entre o que seja realidade ou ficção, esse contar de causos é o que nos ajuda a alimentar nossas memórias na reconstituição de um quebra-cabeça sem contornos definidos nos dias atuais.

O Guaraciaba permaneceu com a nomenclatura de circo-teatro e, apesar de ter o privilégio de poder se apresentar em uma réplica¹² do circo de lona, armada permanentemente na Biblioteca Infantil de Sorocaba, seu cotidiano não corresponde mais a esse modelo de estrutura organizacional, de seguirem de cidade em cidade montando e desmontando o circo. Geralmente se apresenta em palcos italianos, quando em circulação¹³.

12 Essa réplica, em tamanho menor ao do circo, foi fruto do desejo e da empreitada do administrador da Biblioteca Infantil de Sorocaba, José Rubens Incao, com o aval da prefeitura.

13 Por meio de um perfil social no Facebook (<https://www.facebook.com/circo-teatroguaraciaba>), é possível acompanhar sua programação mais recente, além de críticas e de reportagens de jornais disponíveis *online*.



Uma dessas reflexões que o encontro com o Circo-Teatro Guaraciaba me trouxe é de que, mesmo eles estando em contato com artistas pertencentes a uma nova geração de atrizes e atores, talvez já não seja mais possível repassar o conhecimento advindo do circo-teatro, dado que não se trata de uma técnica, de uma linguagem, ou de um estilo teatral. Era um jeito de se fazer teatro dentro de um contexto próprio em que se organizavam as famílias circenses e mambembes que circulavam pelo país; cada qual com sua estrutura, suas especificidades e suas singularidades no século XX. Não obstante, podemos olhar para as histórias dessas famílias que povoaram o imaginário de nossos antepassados e enxergar nelas potencialidades e jeitos de se fazer teatro, repensando, no que se refere às possibilidades poéticas da cena, o nosso jeito de fazê-lo.

Para além disso, devemos reconhecer e difundir essa trajetória, tendo em vista que nosso modo de atuação advém do que foi adaptado, conformado e recriado a partir de nossas regionalidades, misturas e expertises brasileiras. O modelo de assistemático e empírico dos circenses brasileiro é um modo de se atuar que pode lançar luz às pesquisas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

- » BOLOGNESI, Mário Fernando. Do melodramático ao cômico: O ébrio, de Gilda de Abreu, encenado por Piquito. **Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, n. 3, p. 98-110, 2000.
- » BOLOGNESI, Mário Fernando. **Circo e teatro: aproximações e conflitos**. Sala Preta, São Paulo, n. 6, p. 9-19, 2006.
- » BOLOGNESI, Mário Fernando. O Novo-velho circo. In: **Moringa** – Artes do Espetáculo. João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 55-62, 17 dez. 2018.
- » CAMARGO, Hudi da Rocha. Entrevista concedida a Maria De Maria Andrade Quialheiro. Sorocaba, 21 jul. 2018. [Entrevista não publicada].
- » CAVALCANTE. Iracema Pires. **A Vida Maravilhosa nos Circos-teatros**. Sorocaba: Loja de Ideias, 2011.



- » DUARTE, Regina Horta. **Noites Circenses**: espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- » PIMENTA, Daniele. **Os palhaços do Circo-Teatro Guaraciaba**: aprendizado e troca no encontro de gerações. Uberlândia:
- » PIMENTA, Daniele. **Antenor Pimenta Circo e poesia**: a vida do autor de E o Céu Uniu Dois Corações. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Cultura, Fundação Padre Anchieta, 2005.
- » PIMENTA, Daniele; SILVA, Daniel Marques da. Nossa, essa peça ainda agrada, hein? O Circo-Teatro Guaraciaba e o melodrama... E o céu uniu dois corações. In: **Rebento**, São Paulo, n. 7, p. 64-89, dez. 2017.
- » REIS, Angela de Castro; SILVA, Reginaldo Carvalho da. **A carteira fatal** – (Sobre)vivência do melodrama no interior do Brasil. Pitágoras 500, Campinas, 3(2), p. 67-76, 2013.
- » SILVA, Ermínia. **As múltiplas linguagens na teatralidade circense**: Benjamim de Oliveira e o circo-teatro no final do século XIX e início do XX. 2003. 370 p. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas: UNICAMP, 2003.
- » SOFFREDINI, Carlos Alberto. **Vem Buscar-me que Ainda Sou Teu**. [S.l: s.n.], 1979. Não paginado.